

FAZENDO GÊNERO

ANO III Nº 06 NOV./99 - FEV./2000

Sexo: compartilhar é o caminho

Tabus, preconceitos e estereótipos são deixados de lado pela psicóloga Rosely Sayão quando vai falar sobre sexualidade. A autora dos livros "Sexo é Sexo" e "Sexo: prazer em conhecê-lo", esteve em Goiânia, no mês de outubro, a convite do Grupo Transas do Corpo para participar de um debate sobre o prazer e a vida sexual. Desenvolvendo um trabalho voltado para jovens e educadores, ela ressaltou que ouvir o que os jovens têm para falar tem sido fundamental. A psicóloga hoje é colaboradora dos jornais Notícias Populares, com uma coluna fixa, e da Folha de São Paulo, escrevendo para o Folhateen, caderno destinado ao público jovem.

A sexualidade, na opinião de Rosely Sayão, também se expressa na cultura, embora seja uma coisa muito pessoal. E, apesar deste caráter, ela destacou que compartilhar idéias é muito importante para que o assunto não seja encarado como tabu ou mesmo de forma moralizante. Os jovens muitas vezes brincam com o tema e, segundo a psicóloga, as discussões acabam não possuindo tanto efeito, por isso, ela destaca a importância da parceria com educadores. As políticas públicas de educação sexual e o papel dos pais e educadores no pro-



Rosely Sayão, em Goiânia, falando para adolescentes

cesso de informar e conscientizar os jovens foram temas tratados por Rosely Sayão em uma entrevista concedida ao "Fazendo Gênero". A seguir, trechos desta conversa.

FG - Qual a importância de se tratar a temática da sexualidade, do seu ponto de vista?

RS - A minha visão é a de um psicólogo comprometido com a educação. Eu fico um pouco assustada com o jeito que a sexualidade é tratada, porque é sempre tratada como se fosse um membro à parte da vida do sujeito. Então eu acho importante falar desse tema integrando o sujeito. É importante também porque é um assunto cheio de tabus, preconceitos; muitos estereótipos que as pessoas tratam como verdades e não como preconceitos. E porque existem dúvidas. Então é importante ter um espaço onde as pessoas possam falar. Às vezes acho mais importante que eles possam perguntar do que a resposta em si, porque na elaboração da pergunta muitas vezes eles já dão a resposta. Sabe o que eu me lembro muito? Eu não estava nessa área ainda e eu tive o prazer e o privilégio de ter uma conversa com Paulo Freire. Uma conversa informal. E ele falou assim para mim: "Vocês, psicólogos, têm muito o que conversar com a comunidade". E eu falei: "É, mas a gente não achou ainda o jeito". E ele falou: "Claro, vocês não encontraram um pretexto pedagógico ainda para isso". Hoje eu trato a questão da sexualidade, o sexo, como um pretexto pedagógico para conversar sobre a vida, enfim, sobre tudo.

FG - Você tem um estilo direto de falar. A gente conhece suas colunas e suas respostas. Por que você acha que tem que ser direto?

RS - Foi por acaso: eu não elaborei assim "tem que ser direto". Eu fui fazendo com uma preocupação de não ficar com as meias palavras, não vamos fazer de conta que estamos falando disso e não estamos. A minha preocupação era essa. Por esse meu perfil de clínica, eu comecei a ouvir eles falarem, então eu percebi que eles falam assim. Outra coisa que eu aprendo: eles sempre tratam isso na brincadeira, então não adianta ser muito séria porque eles vão achar que é um discurso moralizante. Eu brinco muito também, às vezes até sou muito irônica. Além de ver a linguagem, eu vejo o estilo que usam, o estilo de vida, de se relacionarem. É bem um trabalho de linguagem mesmo. Eu faço um trabalho de tradutor. Depois que eu comecei a fazer esse trabalho no Notícias, a linguagem mudou da mídia em geral para falar disso. Eu sei que aí tem a minha marca sim!

FG - Sendo uma pessoa da mídia, que trabalha com jornal, que aparece na TV, como você localiza a sua fala?

RS - A mídia adora enquadrar. E eles não conseguem isso comigo (risos). Por exemplo, eles acham que eu sou sexóloga. Eu sempre digo: "Gente, eu não sou sexóloga". Eles querem as respostas e quase sempre eles anseiam pelas

respostas médicas. E eu não dou respostas médicas. Então eu acho que eu sou uma voz assim: um pouco de reflexão. Mas a mídia me chama não é porque eles querem, é porque a população me autoriza. A mídia não fez meu nome: eu acho que foi a população que começou a fazer com que a mídia percebesse que meu nome existe.

FG - No caso do conjunto da mídia, você percebe que é difícil uma voz como a sua?

RS - Quando começou esse programa *Erótica* (da MTV), choveu e-mail no meu correio eletrônico perguntando "Por que não é você que está lá?". É difícil explicar, mas eu sei porque não sou eu (risos). Aí também tem uma coisa: esse trabalho, uma comunicação muito intensa com o adolescente, com o jovem, promove uma série de trabalhos. Então, a escola me chama para falar com eles...
FG - Nós chamamos...

RS - Como eu tenho dito: eu não vou mais fazer trabalho só com jovens. Eles gostam de mim, eu gosto deles, a gente se entende, a gente brinca, a gente ri, mas daqui a uma semana perdeu o efeito, porque não é um processo. Então eu tenho feito a opção de trabalhar com pais e educadores, porque aí eu acho que estou trabalhando pelo jovem.

FG - Como você encara a existência de algumas políticas públicas em relação à educação sexual? Como está esse cenário?

RS - A educação sexual tem sido tratada pelo Ministério da Saúde, que não tem nada de educação. Aí eu acho que começa o primeiro problema: as políticas públicas teriam que ser uma parceria do Ministério da Educação junto com o Ministério da Saúde. Quando há essa divisão, eu acho que aí as coisas não funcionam. Então, por exemplo, as campanhas de prevenção à AIDS. Campanhas não funcionam; alertam, chamam atenção, mas elas deveriam ter uma continuidade nas escolas. Às vezes essas campanhas até conseguem colocar algumas expressões, frases na boca dos jovens; coloca a informação, não coloca a sabedoria, aí precisa de um processo educativo, que o Ministério da Saúde não entende. E de uma forma geral, nós estamos carentes de políticas de educação e saúde, não é só nessa questão de sexualidade.

FG - Você falou um pouco de parcerias. Quais os atores sociais que você acha que deveriam estar envolvidos?

RS - Nós fomos montando alguns esquemas que agora fica difícil de desmontar. A psicologia ajudou muito a montar isso, eu acho que a pedagogia também. E assim: os pais não sabem educar os filhos. Aí os psicólogos e professores colocam-se numa posição "a família está desestruturada, por isso que os nossos alunos não têm limites e não têm disciplina, não têm nada". E aí esses pais casam e têm filhos e fi-

cam abandonados à própria sorte. Ninguém ajuda esses pais a educar essas crianças, e quando tentam ajudar dão uma de professor para os pais. E não é isso! A família e a escola, um está interferindo muito no papel do outro. Eu acho que se os pais e a escola conseguem fazer parceria, eles mexem em tudo. (...) a família não percebe que ela é o ator principal de tudo. Se têm maus exemplos para o nosso jovem na televisão, somos nós que damos ibope para isso. Nós compramos discos que tratam a sexualidade de uma maneira inadequada. Enfim, não tem um ser anônimo aí: somos nós. Quando eu consigo localizar isso com os pais, aí eles começam assumir o papel deles. Nós temos que transmitir para os nossos descendentes, nossos alunos, o que nós aprendemos sem medo.

FG - *Em relação à escola, como ela criaria os instrumentos? A escola poderia ter essa parceria com os pais?*

RS - Primeiro a escola tem que tratar a educação não como um bem de consumo. Esse é o primeiro passo. O segundo passo é tratar os seus alunos como alunos, e não como um grupo. Na 4ª série tem o João, tem o Pedro, tem a Maria, cada um tem a sua singularidade. A partir disso eu acho que fica tudo muito mais fácil porque é só a gente prestar atenção no educando que ele dá as dicas, dá as diretrizes para onde a gente deve caminhar e como. É claro que pode não ser o melhor caminho, mas na hora em que ele perceber que não é o melhor caminho, ele vai ter chance de ver outros caminhos.

FG - *Qual a importância que você vê no trabalho direto com adolescentes?*

RS - Acho que tem uma importância extrema, desde que esse trabalho seja um processo, (...) para a gente saber deles quem são eles, e não aquilo que a gente imagina que são eles. O que eles precisam saber, e não o que a gente acha que precisam saber. Como nos comunicamos com eles, pois é eles que ensinam isso. Eles precisam aprender também a falar disso de modo a respeitar o limite da privacidade. (...) a pergunta tem que ser universalizada, trabalhar com as idéias. Porque senão essa coisa da sexualidade fica como sempre uma coisa muito pessoal. Não, ela pode ser compartilhada, não na prática, mas nas idéias.

FG - *Para eles saírem da privacidade?*

RS - Isso. A sexualidade, mesmo sendo uma coisa muito individual e pessoal, ela se expressa na cultura. Então a pes-

soa precisa saber que ela é ser cultural, e que mesmo quando ela estiver fechadinha no quarto só com uma pessoa ou sozinha às vezes, mesmo assim ela não pode fazer tudo, porque tem os limites da cultura, e ela cresceu nessa cultura.

FG - *O que você acha da questão de gênero no tratamento da sexualidade?*

RS - Enquanto a gente não esclarecer para esses jovens modernos, pós-modernos, que estão entrando no ano 2000, que existe uma relação de poder entre homem e mulher, a gente não vai conseguir fazer com que a mulher se cuide, o homem possa se relacionar numa simetria com a mulher, e não de cima para baixo. A sexualidade resulta disso. Então eu acho importantíssimo discutir essa questão.

EDITORIAL

Trocando idéias

Vivemos um final de milênio marcado pela desilusão com os grandes ideais, a perda de referências, a banalização da violência e a falta de autonomia dos sujeitos. Tudo tem afetado sobremaneira a população adolescente. O Transas do Corpo, ao longo de sua trajetória composta de ações educativas em saúde e sexualidade, tem incluído os/as adolescentes em seus projetos. Exemplos destas iniciativas são: os projetos "Fala, Teen" e "Adolescente Trabalhador", além das várias atividades realizadas através do CEI (Centro de Estudos e Informações). Temos percebido cada vez mais o interesse deste público pelo nosso trabalho. Entendemos que a temática dos direitos sexuais e reprodutivos e o modo como temos trabalhado estes conteúdos têm sido os nossos grandes atrativos para esta aproximação com os/as adolescentes.

O grande desafio deste trabalho é a aprendizagem constante de seus códigos, interesses e formas de expressão. Neste espaço buscamos saber o que os jovens têm a dizer sobre sua sexualidade, sua maneira de vivê-la, abrindo canais de escuta às demandas apresentadas. Falar das experiências destes sujeitos, dos significados que eles/elas dão, se constitui também na possibilidade de construção de uma sexualidade na qual não está em jogo só o presente - as urgências da sexualidade como o uso de contraceptivos, o conhecimento das DST/AIDS, mas um projeto que passa pelo compromisso com o outro e consigo mesmo.

Miriam Plaza Pinto
Roberta Florêncio Sabino da Silva

Finalmente o Transas tem um espaço só para adolescentes! Um grupo aberto para todos os adolescentes que surgiu e está tomando Corpo aqui na sede do Transas. O objetivo não é apenas transmitir as informações sobre sexualidade, mas fazer destas uma prática normal do seu dia-a-dia. Nós, que estamos participando desse grupo, temos um ideal de transformar o espaço de cada pessoa, dando um passo para formação de uma ideologia revolucionária, possibilitando que os jovens enfrentem todos os preconceitos com coragem, garra e determinação, mesmo que as decisões tenham que ser deles. Mas sempre lembrando que há muitas pessoas cooperando para o mesmo trabalho, para, juntas, conquistarem seu espaço, fazendo com que haja um resultado progressivo na expressão dos sentimentos em grupo.



Sabemos que a maioria dos jovens está cansada de ouvir sobre sexualidade. Entretanto, há sempre algumas curiosidades. Em nosso grupo, os mais variados temas envolvendo a adolescência são discutidos.

Algumas reuniões já foram realizadas, sendo que duas tiveram temas bem definidos. Um deles foi "Relações de gênero", na qual concluímos que as diferenças entre homens e mulheres são apenas físicas e que a sociedade usa dessas poucas diferenças para criar outras imagens (geralmente prejudiciais) desses dois gêneros, impondo-as às pessoas. "Aborto: o que você tem a dizer sobre isso?" foi outro tema: nós discutimos sobre este ato que é tão polêmico e cotidiano na vida dos adolescentes.

Nascer de novo para mudar	Acordar!	Trocar idéias com jovens
Construir algo		Criar idéias
Encontrar um novo caminho		Coragem para falar
	Paz	Dúvidas

Esses itens formam um pequeno resumo do que queremos buscar. Em nosso grupo você escolhe os mais variados e polêmicos temas para discutir, sempre em busca de debater valores, de novas descobertas e do conhecimento. Se você se identifica com alguns desses requisitos, seja bem-vindo ou vinda: * ter iniciativa e atitude - o que você vai ter com certeza a partir do momento em que entrar em contato conosco! "Ir em busca do novo e do curioso; esclarecer idéias e dúvidas". Resumindo, ter um objetivo! Se não tiver, participe da mesma forma. Sabemos que você encontrará muitos objetivos, evitando assim ser manipulada/a, dando um sentido real para sua vida.

* Roberta e Miriam são participantes assíduas do grupo de adolescentes do Transas e prepararam com muita garra esse texto para divulgar o grupo, trazendo mais adolescentes para formar esse corpo de transas. Elas são secundaristas e moram em Goiânia.

FAZENDO GÊNERO

Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo
Rua 137 com Av. 85, nº 556, Ed. Da Moda
salas 301-303, St. Marista, Goiânia-Goiás/Brasil.
Cep: 74.170-120. Fone: 241-9257.
Fone/Fax: 241-9617
E-mail: transas@zaz.com.br
Homepage: www.transasdocorpo.com.br

Equipe técnica:
Eliane Gonçalves - Educadora e sanitarista
Gelva M. M. Costa - Assistente social
Joana Plaza Pinto - Linguísta
Kemle Semerene Costa - Nutricionista e sanitarista
Lenise Santana Borges - Psicóloga e sanitarista
Rurany Ester Silva - Assistente social e sanitarista

Jornalista responsável:
Maristela Vitória - MTB 908/04/197

Revisão:
Luís Araújo

Assessorias:
Biblioteconomia
Cida Rodrigues
Administrativo e Financeiro
Maria Cristina
Secretária:
Andréia de Paula Silva

Office-boy:
Fábio Felipe

Apoio:
Fundação MacArthur

Editoração Eletrônica:
Pawllyn - 972-0781

Impressão:
Gráfica Visual (291-7088)

Com que método eu vou?



A pílula é um anticoncepcional oral composto de hormônios, estragênio e progesterona, semelhantes aos que são produzidos pelos ovários, mas em doses pequenas e proporções diferentes, de acordo com os diversos tipos existentes. Surgiu no Brasil na década de 60 e durante um bom tempo foi utilizada como única opção de método anticoncepcional para as mulheres.

Hoje em dia, pesquisas mostram que a pílula continua sendo o método anticoncepcional mais utilizado pelas mulheres brasileiras, mesmo com o advento e a preconização de outros métodos. Este é um motivo importante para que o "Fazendo Gênero" trate o assunto nesta edição, trazendo informações básicas para quem deseja conhecer e/ou utilizar a pílula.

TIPOS DE PÍLULA

Existem dois tipos de pílulas: combinadas e minipílulas.

- Pílulas combinadas: São compostas de estrogênio associado à progesterona. (Nomes comerciais: Gynera, Neovlar, Minulet, Mercilon, Microdiol, Nordette, Mocróvilar)
- Minipílulas: São compostas por progesterona isolada. (Nomes comerciais: Micronor, Nortrel)

MODO DE AÇÃO

Pílulas combinadas agem da seguinte forma:

- Impedindo a ovulação
- Transformando o endométrio (mucosa do útero), impossibilitando assim a nidacão (implantação do óvulo fertilizado)
- Espessando o muco cervical (secreção que fica na entrada do útero), dificultando a entrada dos espermatozoides

Minipílulas agem da seguinte forma:

- Modificando o funcionamento das trompas
- Modificando o endométrio, impedindo a implantação do óvulo fertilizado
- Modificando o muco cervical, dificultando a entrada dos espermatozoides no útero

MODO DE USAR

Pílulas combinadas

- No primeiro mês de uso, deve-se tomar o 1º comprimido no 1º dia do ciclo menstrual ou no máximo até o 5º dia
- A seguir, a mulher deve tomar um comprimido por dia até o término da cartela, de preferência, no mesmo horário
- Ao final da cartela (21 dias), fazer pausa de 7 dias e iniciar nova cartela, independente do fluxo menstrual

Caso não ocorra a menstruação no intervalo entre as cartelas, a mulher deve procurar o serviço de saúde para descartar a hipótese de gravidez, utilizando outro método anticonceptivo nesse período.

ATENÇÃO!!!

Em caso de esquecimento:

- Um dia: tomar 1 comprimido imediato e outro regular no mesmo horário ou tomar os 2 no mesmo horário
- Dois dias ou mais: suspender o uso, optando por outro método até a menstruação, iniciando nova cartela no 1º dia do ciclo. Em caso de ausência menstrual, procurar o serviço de saúde

Minipílulas

(35 comprimidos)

- Deve ser iniciada no 1º dia da menstruação

- Em seguida, continuar tomando um comprimido por dia, sempre a mesma hora, sem interrupção entre uma cartela e outra e sem interrupção durante a menstruação.

ATENÇÃO!!!

O esquecimento de um só comprimido compromete a eficácia.

INDICAÇÕES E CONTRA-INDICAÇÃO

Em geral pode usar a pílula anticoncepcional com menores riscos para a saúde a maioria das mulheres de até 30 anos, saudáveis e não fumantes.

QUANDO A PÍLULA ANTICONCEPCIONAL NÃO PODE SER USADA

- Gravidez comprovada ou suspeita
- Amamentação até 90 dias
- Hipertensão arterial grave e moderada
- Hepatopatias graves (doenças que afetam o fígado)
- Doenças tromboembólicas (coágulo sanguíneo em veias profundas)
- Derrame, infarto
- Hemorragia genital de causa indeterminada
- Varizes com tromboflebite
- História familiar de dislipidemia (colesterol alto)
- Enxaqueca grave
- Cardiopatias graves
- Retardo mental que possa dificultar o uso correto da pílula
- Pacientes que usam drogas que interagem com a pílula.

CASOS QUE EXIGEM MUITA PRECAUÇÃO

- Adolescentes, até 6 meses da menarca (1ª menstruação)
- Fumantes em qualquer idade
- Obesidade
- Dores de cabeça frequentes
- Hipertensão arterial leve
- Depressão
- Doenças renais crônicas
- Asma brônquica
- Colecistopatias (problemas com vesícula biliar)
- Candidíase de repetição (tipo de corrimento)

- NIC III (lesão intra-epitelial de colo uterino neoplásica, displasia grave ou carcinoma in situ)
- Tuberculose
- Malária
- Diabetes insulino dependente
- Hanseníase
- Esquistossomose

FALANDO DE VANTAGENS

- Redução da Doença Inflamatória Pélvica (D.I.P)
- Redução de frequência de cistos funcionais de ovário
- Redução da incidência do câncer de ovário
- Redução da doença benigna da mama
- Redução da anemia
- Melhora de artrite reumatóide

FALANDO DE DESVANTAGENS

- Acidentes flebíticos, trombóticos ou tromboembólicos
- Hipertensão arterial
- Irritabilidade
- Náuseas, vômitos e mal-estar gástrico
- Cefaléia (dores de cabeça)
- Tonteira
- Mastalgia (dores nas mamas)
- Sangramento intermenstrual
- Cloasma (manchas na pele)

IMPORTANTE

- O uso da pílula requer consultas e exame clínico ginecológico prévio, além de retornos regulares (12 meses) para avaliação
- Algumas drogas são capazes de reduzir a eficácia anticonceptiva da pílula. Em casos prolongados deve-se usar métodos alternativos. Exemplo: certos anticonvulsivantes, antibióticos, fungicidas, anti-inflamatórios, diuréticos, tranqüilizantes, analgésicos e outros
- Nos casos de vômitos e/ou diarreias com duração de 2 ou mais dias, evitar as relações sexuais ou instituir o uso de métodos de barreira
- As pausas no uso de pílula devem ser evitadas, pois não existe amparo científico que as justifiquem

Fonte: Ministério da Saúde (Normas Técnicas P.F) Métodos Anticoncepcionais: o direito à informação (Maria José Araújo e Colaboradores) Esterilização Feminina (SOF) Colaboração: Albineir Plaza Pinto - (Ginecologista)

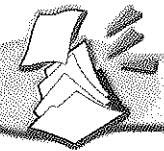


O Transas e a Internet

O Transas do Corpo agora pode ser acessado a partir de diversos *links*. Se você estiver navegando na Internet por alguns dos *sites* de procura, irá conferir que o Grupo Transas do Corpo pode ser acessado a partir do Cadê, Alta Vista, Yahoo, entre outros, com os descritores (palavras-chave): sexualidade, educação sexual, gênero, feminismo, saúde reprodutiva, direitos reprodutivos, entre outros. Está também na página do CNPq e de diversas outras *homepages* correlatas. Redes e conexões... Ahh!! Em nosso site temos um espaço para a sua fala, um lugar para nos comunicarmos. Pode ser através de perguntas, opiniões... é isso aí! Participe!

Novidades no CEI

O Centro de Estudos e Informação do Grupo Transas do Corpo recebeu novidades estes últimos meses. Composto por biblioteca, videoteca e hemeroteca, o Centro ganhou novos títulos de livros e vídeos. DST/Aids na mira (au.: Ministérios da Saúde e Exército), Sertaneja opus n. 1- trata da saúde reprodutiva da mulher (au.: SOS Corpo, CCLF, TV Viva) e Te cuida, coração!- sexualidade do adolescente (au.: Ecos) são alguns dos novos títulos que agora fazem parte do CEI. Aproveite e venha fazer sua pesquisa!



Encontro de bolsistas da MacArthur

Os objetivos e todo o trabalho que é realizado no grupo Transas do Corpo foram apresentados na reunião anual da Fundação MacArthur, realizada no Rio de Janeiro, em agosto deste ano. Os bolsistas e organizações apoiados pela Fundação trocaram informações sobre seus projetos e áreas de atuação, buscando relacionar às idéias com a temática da reunião que foi a trajetória da Saúde e Direitos Reprodutivos no Brasil, com um olhar para os novos desafios.

Mulheres no rádio

As mulheres precisam conquistar seu espaço nas rádios comunitárias, foi essa a conclusão que diversas mulheres chegaram no I Encontro Regional de Capacitação para Mulheres Comunicadoras Comunitárias, realizado em outubro e do qual nós, do Transas do Corpo, participamos. O evento foi uma realização da secretaria de gênero da Abraço/DF-GO (Associação Brasileira de Rádio Difusão Comunitária) e da Rede de Mulheres no Rádio. Quem participou do encontro aprendeu como se monta um programa de rádio com o enfoque de gênero e que é importante o envolvimento de mulheres. É isso, vamos assumir o microfone!



Encontro M. de M. de M.

AGENDA

25 de novembro

Dia Latino-Americano contra a Violência à Mulher

6 a 9 de dezembro

III Congresso Brasileiro de Prevenção DST/AIDS No Rio de Janeiro.
Informações: www.aids.gov.br

1º de dezembro

Dia Mundial de Luta contra a AIDS

Abril de 2.000

XIII Encontro Nacional Feminista João Pessoa - PB
Informações: (083) 222-7069

Sim à camisinha feminina

A camisinha feminina foi aprovada. 70 % das mulheres consultadas em uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde disseram sim ao preservativo. Seis cidades brasileiras estiveram envolvidas no trabalho que teve a duração de 90 dias e foi intitulado "Aceitabilidade do Condôm Feminino em Contextos Sociais Diversos". Em Goiânia, a pesquisa teve a coordenação da Secretaria Municipal de Saúde e a supervisão do Grupo Transas do Corpo.



De acordo com a técnica Gelva Maristane Martins, que pertence ao grupo Transas e participou da pesquisa, cerca de 94% das mulheres ouvidas no município de Goiânia viram vantagens no uso do condôm feminino. Os pontos positivos apresentados pelas entrevistadas foram a proteção que o preservativo oferece contra as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), o conforto, a autonomia que é proporcionada às mulheres e a resistência do preservativo.

O estudo foi realizada com mulheres que freqüentam as unidades de saúde pública e a aceitabilidade foi maior nas que possuem programas que privilegiam o trabalho

comunitário e educativo. Em todo o Brasil, 2.453 mulheres foram ouvidas. Só em Goiânia foram 427 entrevistadas que utilizam os serviços do Cais Cândida de Moraes, Centro de Saúde Vila Mauá e Cais Pedro Ludovico. Os resultados variaram de acordo com a idade, grau de escolaridade, trabalho remunerado e religião das pesquisadas. O item que teve maior impacto na aceitabilidade do condôm feminino foi o uso anterior do preservativo masculino.

Cabo de Santo Agostinho (PE), São Vicente (SP), Rio de Janeiro (RJ), Goiânia (GO), Belo Horizonte (BH) e Porto Alegre (RS) foram os municípios envolvidos no projeto, que levou em conta a importância que cada cidade tem em relação à AIDS.

SE LIGUE

Simplemente aproveite

O ano 2000 está chegando, o Brasil fará 500 anos, e a nossa publicação já está há três anos com você. Pare, chega de pensar em todos os significados que essa mudança de ano traz e simplesmente aproveite. Busque a tranquilidade e aceite o nosso desejo de um Natal feliz e um ano novo cheio de realizações.

QUEREMOS SABER

É isso aí, nós queremos saber qual é a seção do Fazendo Gênero que você mais gosta. Escreva para nós, mande um e-mail ou simplesmente ligue. End.: Rua 137 com Av. 85, nº 556, Ed. da Moda, salas 301-303, St. Marista, Goiânia-GO, Cep.: 74170-120. Fone: 241-9257. E-mail: transas@zaz.com.br

DE SUA OPINIÃO

Uma nova seção será criada no Fazendo Gênero. Agora queremos que você nos ajude a fazer o nosso jornal, escreva para nós e dê a sua opinião ou sugestão. Mande uma cartinha ou um e-mail para nós. Ficaremos esperando a sua participação (o mesmo endereço anterior).